

A obra polêmica da estrela Aysha Quinn

A grande estrela internacional corvidada para o Festival Fotóptica chegou, ontem pela manhã, ao Brasil. É a videomaker e atriz norte-americana Aysha Quinn, que comparece com sete dos 20 vídeos exibidos na mostra paralela: *The Prom, Why I Would Throw Eggs At You, Liz?, The Chamber, Excerpts, The Meeting, The Mutant e Nomads*.

Aysha trabalha em vídeo desde a década dos 70, quando abandonou sua atividade no teatro em Los Angeles, e comprou um equipamento em preto-e-branco, com mais quatro amigos. "Deixei um meio em que não tinha controle sobre o produto do meu trabalho, para fazer uma coisa em que eu participo em todos os níveis", revelou. Junto com o poeta e músico John Sturgeon, com quem vive e trabalha desde 1976, Aysha é uma das mais prolíficas videomakers norte-americanas. Produz muito, e seu material é de uma qualidade respeitável. *Nomads*, o trabalho mais polêmico, mistura metafísica com cotidiano, *high tech* com uma concepção artística primitivista, que é como ela mesma define a linha-mestra dos seus vídeos.

Em *Nomads*, Aysha monta uma espécie de coreografia nas ruínas do sítio arqueológico da civilização Anasazi (900 a 1400 d.C.), que viveu na região do Novo México. "Era uma civilização sofisticada com uma arquitetura perfeita, sistemas de irrigação, cidades sofisticadas. Uma espécie de reencarnação do espírito egípcio. O que eu quis com isso foi mais ou menos o seguinte: nós, os americanos, temos apenas 200 anos e nos consideramos o Império Romano do século XX. O tema de *Nomads* é isto: pensei que eu era e não sou." Ferrenha crítica do seu próprio país e, principalmente, das instituições americanas, Aysha tem como alvo comum em todos seus filmes a normalidade cotidiana, o casamento, a família.

Em *Why I Would Throw Eggs At You*, ela recebe ovos na cara durante todo o filme, enquanto discute

com uma personagem fora do foco da câmera, como se estivesse atrás dela, sobre quem está atirando ovos em quem. Em *Excerpts* e *The Meeting*, ela e o parceiro, Sturgeon, fazem espécies de jogos terapêuticos na cama, acompanhados pelos sons distorcidos dos sintetizadores que utilizam para os temas musicais. "Acho que tem um pouco que ver com minha rotina de vida, que é uma loucura. Tenho duas filhas, pouco dinheiro, trabalho muito. E os culpados por tudo isso são os caras da Castelli Gallery, de Nova York: eles foram os primeiros a acolher a arte do vídeo e também a fixar os preços. E, depois, não pudemos fazer mais nada."

O mais ameno, mas nem por isso menos cínico dos vídeos de Aysha, é *The Prom*, espécie de Peggy Sue dos documentários. *The Prom* (a formatura), começa com uma sessão *make-up*, estilo anos 60, e evolui com depoimentos de pessoas que participaram de festas semelhantes. Passa por um baile com direito à coroação e à música animada de *The Newport*, num clima nostálgico e gozador. "É uma coisa que todos passamos. Sempre quis documentar essa época da vida. Tenho duas filhas, uma de 16 e outra de 18, e elas vão a esse tipo de festa".

Com material já mostrado nas respeitáveis Whitney Gallery e nos festivais itinerantes do American Film Institute, a videomaker trabalha com um computador nos seus vídeos. Em *Nomads*, o *computer graphic* interfere em descrições visuais simples e superpõe imagens. Ela costuma produzir os resultados disso em quadros, material que também estará exposto no MIS. "Às vezes vou às galerias e vejo fotos de vídeos. Mas são apenas fotos. Acho que é possível criar um registro mais fiel e menos estático do trabalho em vídeo".

Para a artista, o videomaker que mais a impressiona no momento é o coreano Nam June Paik, "porque é importante e, como eu, ganha mal". Ela, que já esteve no Brasil em agosto para conhecer o Rio e Salvador, considera que os profissionais de vídeo brasileiros são "os mais atrevidos da América" e disse que aqui é o único lugar em que é possível um programa de televisão como o TV Mix, que achou maravilhoso. (J.M.)



Aysha Quinn: entre o high tech e o primitivismo